

## **DESENVOLVIMENTO REGIONAL: Uma visão dos polos de desenvolvimento econômico**

*Wesley Henrique Garcia e Silva<sup>1</sup>  
Murilo José de Souza Pires<sup>2</sup>*

**Resumo:** O estudo sobre a dinâmica dos polos econômicos tem emergido vários debates dentro da literatura acerca do desenvolvimento regional. Esse artigo tem como objetivo mostrar as principais teorias dos polos econômicos, no entanto o enfoque principal é analisado à luz da teoria dos polos de desenvolvimento do economista francês, François Perroux. Para tanto, destacou-se dentro dessa análise teórica que os polos de desenvolvimento econômico são, segundo Perroux, resultados de uma agregação industrial propulsora que gera diversos efeitos capazes de influir em uma região maior, na qual o crescimento não se difundiria de maneira regular como proposto pela visão clássica.

**Palavras-Chave:** Polos de Desenvolvimento. Crescimento Desequilibrado. Economia Regional.

### **INTRODUÇÃO**

O tema polos de desenvolvimento sempre foi discutido dentro da literatura de economia regional. Constata-se na revisão bibliográfica que há tempos abrangeu o interesse de diversos teóricos que buscaram explicar como os polos industriais se manifestam no desenvolvimento e crescimento da região a qual estão inseridos. É partindo dessa premissa que este artigo tratará de esboçar os que os principais teóricos delinearam sobre os polos de desenvolvimento.

O objetivo principal é apresentar uma síntese das visões de algumas escolas sobre a teoria do desenvolvimento regional. Para tanto, o pano de fundo que foi tecido a trama do debate encontra-se enraizada nas teorias acerca dos polos de desenvolvimento regional, sendo

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Econômicas pelas Faculdades Alfredo Nasser – UNFAN. E-mail: [wesley.henrique@hotmail.com](mailto:wesley.henrique@hotmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutor e doutor pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais – DIRUR, Brasília, DF - Brasil. E-mail: [murilo.pires@ipea.gov.br](mailto:murilo.pires@ipea.gov.br)

particularmente analisada à luz da teoria de François Perroux que argumenta que o crescimento de uma região não se dá de forma homogênea e nem equilibrada e sim de forma desequilibrada.

Em nível metodológico, foi utilizada a pesquisa bibliográfica que busca informações em fontes como livros, artigos científicos e periódicos. Assim nesse trabalho recolheu-se dados bibliográficos a fim de reforçar a ideia do objetivo geral.

Na primeira seção após esta introdução, coloca-se em pauta a tradicional visão sobre a teoria da economia regional defendida pela ótica de Von Thunen, Alfred Weber, August Losch e Walter Christaller. Já a segunda seção tratar-se-á da teoria da polarização, evidenciando os polos de desenvolvimento na visão do economista francês, François Perroux. A última seção apresenta as considerações finais.

## **VISÃO TRADICIONAL DA ECONOMIA REGIONAL**

Várias são as teorias que buscam explicar a dinâmica regional do desenvolvimento econômico. Entre elas está a visão clássica defendida por alguns teóricos que trazem suas percepções em relação ao desenvolvimento econômico de cada região e como ele se expande. Para Souza (1981), tradicionalmente no interior da economia nacional, em verdade, não poderia haver motivo para estudos espaciais, em virtude da suposição da perfeita mobilidade dos fatores de produção tanto dos bens como também dos serviços e o crescimento populacional. Haveria, na visão clássica um sistema econômico equilibrado, uma vez que se observassem desigualdades nas questões marginais e transitórias relacionados aos custos de produção, nos salários e nos preços dos bens.

Souza (1981) ainda destaca em suas anotações que dessa forma, na visão dos clássicos e neoclássicos, não haveria necessidade da intervenção do Estado na economia. As forças de mercado eram tidas como suficientes para conduzir o sistema econômico ao equilíbrio. Ainda para este autor os economistas da Escola Clássica negligenciaram a dimensão espaço em seus estudos econômicos, excluindo de suas análises os problemas locais, tendo em vista alguns obstáculos que estes problemas lhes proporcionavam.

Dentre os modelos clássicos da análise regional pode-se citar o trabalho de Von Thunen. Segundo Matos (2005) e Alves (2011), Von Thunen propõe que as atividades

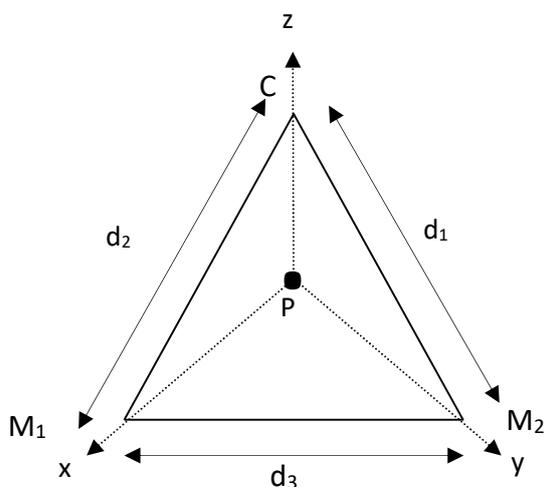
(principalmente agrícolas), dispersas em torno de um centro urbano, são agrupadas formando cinturões ou anéis.

O economista Von Thünen analisou a distribuição das atividades agrícolas entorno dos centros urbanos, considerando o custo de transporte e logo também a renda da terra auferida pelos produtores agrícolas ali situados em relação à distância e ao tipo de cultura cultivada. Partindo dessa análise, conclui-se em sua teoria que a renda do agricultor é determinada não só pelos custos de produção, mas também pelos custos de transportes. (GOMES, 2013).

Nas anotações de Alves (2011) Von Thünen deixa claro em sua teoria, que pode haver uma sobreposição dos anéis ou até mesmo a expansão do centro urbano sobre o primeiro anel. Entretanto, a separação entre meio rural e urbano é nítida e específica, bem como as atividades econômicas e relações de trabalho são diferenciadas nesses espaços desenvolvidos.

Avanços seguintes na teoria do desenvolvimento regional aconteceram. Entre eles destaca-se o trabalho de Alfred Weber. Esse autor desenvolveu a teoria de localização industrial. Weber iniciou seu estudo quanto ao ponto ótimo de localização mediante a análise dos custos de transporte, e esse custo apresenta, nessa teoria, papel crucial na determinação da localização das atividades. (MATOS, 2005).

Com essa teoria, ele tinha o objetivo de analisar os custos relacionados à localização industrial que afetam a tomada de decisões sobre a melhor localização para uma indústria. Para determinar o melhor local para instalação de uma indústria. Weber analisa as vantagens oferecidas por certos locais em função da redução dos custos envolvidos na produção de manufaturas. O custo de transporte das matérias-primas, que se dá de um lado pela fonte desses produtos e logo partiria para a indústria, e do produto final, do local de produção para o mercado, tem papel decisivo na localização industrial no modelo de Weber. Esse teórico determina que o ponto de custo total de transportes mínimo utilizando o triângulo locacional (Vide figura 1), no qual existe um ponto de consumo (mercado) e as fontes de matérias-primas que oferecem maior vantagem. (MATOS, 2005).

**Figura 1** – Triângulo Locacional de Weber.

Fonte: GOMES, 2013, p. 102.

Em relação a figura 1 explica-se que os pontos C, M<sub>1</sub> e M<sub>2</sub> criam forças que se atraem nas respectivas direções, proporcionais ao peso por unidade do produto final a ser transportado para o local de produção e do local de produção para o mercado. O ponto no qual o total de toneladas/quilômetro referentes ao transporte de matérias-primas para o local de produção e do produto final para o mercado é mínimo e denomina-se localização de custo mínimo. Sendo assim, a localização ótima acontecerá no interior do triângulo, ou seja, no ponto P, onde os custos de transporte das matérias-primas e dos produtos finais para o mercado atingem o nível mínimo. (GOMES, 2013).

A teoria weberiana da localização visa responder onde se localizará dada atividade industrial. Nessa teoria, três fatores essenciais influenciam a decisão locacional, sendo dois fatores regionais – o custo de transporte e o custo de mão de obra e um terceiro fator, de âmbito local, composto pelas forças de aglomeração e desaglomeração.

Donda Júnior (2002) aponta que, tanto para Weber, quanto para Von Thünen, o local ideal era aquele que proporcionasse menor custo em transportes – da matéria-prima para as fábricas e dos produtos finais para o mercado. A localização fazia referência à disponibilidade geográfica das matérias-primas, aquelas que apresentassem um melhor acesso às mesmas teriam poucos problemas na localização das unidades.

August Lösch (1957 *apud* Donda Júnior, 2002. p. 33) tratou da localização das atividades econômicas, elaborando um modelo de equilíbrio geral satisfatório. Ele é um dos mais importantes teóricos da economia espacial e criticou Weber pela consideração da minimização de custos para a definição de uma localização ótima. Lösch defende que, as

análises de Weber somente com os custos de transportes seria uma ferramenta inadequada e insuficiente para se determinar a localização ótima. (DONDA JÚNIOR, 2002).

Ainda para Donda Júnior (2002), a preocupação central de Lösch era a organização espacial do sistema econômico, no entanto fez reparos significativos na teoria da localização de atividades agrícolas de Thünen e na das atividades industriais de Weber. Suas principais contribuições encontram-se na análise do equilíbrio geral e na sua teoria que se refere à regiões. Ressalta-se que há dentro dessa teoria, a preocupação nítida com a maximização de lucros como fundamento para a escolha da localização ótima.

Diferentemente de seus antecessores, Losch de certa forma, frizaria a concentração nos grandes centros urbanos, pois neles ou muito próximo a eles encontrar-se-ia necessariamente o ótimo locacional proporcionando os maiores rendimentos, isto é, a maximização do lucro. Ao contrário de estudos anteriores, Lösch considera que a escolha locacional deve buscar o maior lucro possível e não o menor custo possível. (DONDA JÚNIOR, 2002).

Gomes (2013), explica em suas observações que Losch considera o mercado espacial, através de áreas menores que influenciam sucessivamente as áreas de mercado maiores, desenvolvendo, assim, um equilíbrio do sistema espacial e áreas de mercado. Ele buscou aperfeiçoar a Teoria das Atividades Industriais de Alfred Weber. Lösch substituiu a versão de Weber, que considerava exclusivamente o problema da minimização dos custos para a definição de uma localização ótima, ao considerar o ótimo locacional como o ponto de máximo lucro para o empresário, ou seja, a “localização ótima” seria o local de possível maximização dos lucros.

Nos anos 30 do século XX, surgiu o trabalho de Walter Christaller que propunha a teoria dos lugares centrais. Segundo Almeida, Araújo e Rodrigues (2009), essa teoria surgia da hipótese de que os polos econômicos seguiam uma lógica hierárquica conforme uma rede de interdependência, que seriam pela ótica econômica como fornecedores de bens e serviços, tanto para si mesmos como para lugares de menor centralidade (municípios mais distantes economicamente). (ALMEIDA, ARAÚJO, RODRIGUES, 2009).

Esses autores ainda complementam que, a centralização da oferta de bens e serviços não pode ser explicada apenas por fatores geográficos, como constatou Walter Christaller, pois como ele mesmo afirma o centro geográfico frequentemente não é um lugar central. Dessa forma, o conceito de distância geográfica deve ser substituído pelo de distância

econômica, que leva em conta o custo de frete e seguro, embalagem, armazenamento e tempo necessário que leva a mercadoria até chegar ao local de destino, e isso faria com que a centralização tenderia de forma natural a centralização.

Tanto na visão de Almeida, Araújo e Rodrigues (2009) quanto na visão de Oliveira (2010) a base dessa teoria é explicar que, o lugar central é um pontos espacial no qual os agentes econômicos objetiva-se em geral para efetivar suas demandas específicas. Os “lugares centrais” seriam aqueles mais elevados hierarquicamente, justamente por disporem de maior estrutura produtiva de bens e serviços com uma maior especificidade. Esses locais adota-se o nome na teoria de Christaller de “lugar central de primeira ordem”. Partindo desses conceitos, Christaller concebe a existência de um sistema de cidades, onde a posição de cada uma delas depende diretamente da quantidade e variedade de bens centrais e de serviços ofertados o que determinaria o seu grau de centralidade. Oliveira (2010, p. 10) ainda pontua que: “O objetivo principal era mensurar o tamanho, o número e a distribuição das cidades, obedecendo a critérios de hierarquização”.

Todos esses autores citados fazem parte da tradicional visão da teoria econômica regional. A partir da década de 1950 começaram a ser elaboradas teorias de desenvolvimento regional que enfatizavam algum tipo de mecanismo dinâmico de autorreforço resultante de externalidades associadas à aglomeração industrial. Essas teorias, segundo Cavalcante e Monastério (2011) têm características que tenderiam a rivalizar e debater com as teorias clássicas da dinâmica regional que, ao privilegiarem as decisões locais do ponto de vista da firma, tendiam a desprezar esses efeitos.

Há outros fatores que são importantes para um estudo sobre desenvolvimento de polos industriais, além do já considerado custo de transporte e maximização de lucros conforme proposto pelos clássicos. Salienta-se a necessidade de uma definição de critérios que permitam abranger maior número de características de cada região, relevantes à definição do espaço, e ponderar essas características segundo uma ordem de importância previamente estabelecida.

Devem ser considerados os seguintes fatores: distribuição da população no território, visando à facilidade do recrutamento de mão de obra; atual distribuição da atividade industrial no território em estudo, considerando-se como unidade de medida o número de pessoas ocupadas nas indústrias; características topográficas da região; existência de um sistema de infraestrutura apropriado, como rodovias, ferrovias, hidrovias, portos, fornecimento de

energia elétrica e outros; consideração dos usos alternativos do território, evitando que a atividade industrial entre em conflito com quaisquer outras formas de uso territorial, atual ou potencial.

Na literatura que diz respeito à análise regional nota-se que esta passou por uma revolução, em tempos mais recentes, ao incorporar instrumentos metodológicos desenvolvidos em outros campos da ciência, contribuindo para maior precisão, maior número de variáveis envolvidas e maior velocidade no processamento das soluções, o que torna o processo de pesquisa mais eficiente.

### **TEORIA DA POLARIZAÇÃO DE FRANÇOIS PERROUX**

A teoria da polarização desenvolveu-se a partir da década de 1950, quando surgiram vários trabalhos teóricos, tendo como maior importância o trabalho de François Perroux: *Nota sobre o conceito de “polo de crescimento”*. Através de Perroux vieram estudos desenvolvidos por Boudeville, Friedmann, Hanser, Hermansen e Myrdal. (MARQUES, 2012).

A teoria de polos de desenvolvimento de François Perroux, segundo Silva, Lima e Piffer (1999), insere-se no contexto de desenvolvimento não equilibrado e/ou desbalanceado em contra ponto com a teoria de desenvolvimento equilibrado que se baseia em um crescimento balanceado, que considera a existência de um incremento proporcional dos fluxos que manteria a economia equilibrada mesmo durante períodos de expansão. (SILVA, LIMA e PIFFER, 1999).

Ainda esses autores complementam que no equilíbrio econômico seus defensores supõem um Estado organizado comercialmente, no qual vigoram a propriedade privada, a divisão do trabalho e a livre concorrência. A partir disso, os autores supõem produzir-se uma tendência ao equilíbrio geral entre os agentes econômicos. Nessa situação hipotética, as mudanças assumem um papel meramente adaptativo, compatível com oscilações ocasionais, sazonais ou contínuas. Esse sistema de reprodução econômica em equilíbrio estático é denominado fluxo circular, no qual a atividade econômica se apresenta de maneira idêntica em sua essência, repetindo-se continuamente, seja no campo da produção, seja no campo do consumo.

As ideias de Perroux encontram-se em um terreno fértil quando se coloca em evidência que a teoria do desenvolvimento desequilibrado é um resultado que fundamenta-se

na adoção de uma política de programação econômica para se conseguir o desenvolvimento de uma economia subdesenvolvida. Tendo sido aluno de Schumpeter, Perroux herdou-lhe o repúdio da ideia de crescimento equilibrado. O desenvolvimento é visto por ambos como um processo que se propaga pelos impulsos econômicos desequilibrados entre as forças produtivas localizadas na região. (SILVA, LIMA e PIFFER, 1999).

Perroux afirma que o polo é o mesmo que um centro econômico de uma determinada região, em que se dinamiza e seu crescimento se faz sentir sobre o espaço regional que está a sua volta, uma vez que é perceptível à criação do fluxo da região para o centro e refluxos do centro para região. A característica principal é que o desenvolvimento daquela região a qual o polo está inserido sempre estará ligado ao município a qual sedia o polo. (ANDRADE, 1987 p. 87 *apud* SIMONETTI, OLIVEIRA, TADEUCCI, 2012, p. 2).

Os polos de crescimento e desenvolvimento propostos por Perroux seriam resultado de uma agregação industrial propulsora que gera diversos efeitos capazes de influir em uma região maior, na qual o crescimento não se difundiria de maneira regular e uniforme entre os setores da economia, mas seria impulsionado pelo setor industrial. As indústrias formariam aglomerações que posteriormente dominariam outras indústrias gerando efeitos de difusão para a economia, elevando o emprego, o produto e a tecnologia. (OLIVEIRA, 2010).

Perroux (1967 *apud* Almeida, 2013) salienta que o papel governamental e de suas instituições é bem mais amplo e não se limita a atrair indústrias e atribuir exclusivamente a elas a tarefa de estimular o processo de crescimento/desenvolvimento de um território.

O poder de disposição das grandes unidades no interior duma nação não é completamente independente do poder público que, mesmo nos países liberais, estimula a investigação, ajuda a propagar as grandes inovações, participa na conquista dos mercados e, no âmbito dum território cuja extensão e recursos físicos se revestem de extrema importância, contribui poderosamente para a instauração de eixos de desenvolvimento, zonas de desenvolvimento e nós de tráfico. (PERROUX, 1967, p. 213 *apud* ALMEIDA, 2013, p. 9).

Em linhas gerais pode-se dizer, por exemplo, que a elevação das vendas das indústrias motrizes poderia resultar de uma ação do Estado sobre a economia o que de certa forma se torna uma subvenção. Almeida (2013) observa que Perroux conclui nas seguintes palavras: “O aumento do volume de produção das indústrias motrizes pode resultar duma antecipação dos efeitos provocados nas indústrias movidas, ou no caso de hesitação ou lentidão por parte dos diretores das indústrias motrizes, dum estímulo do Estado sob a forma, por exemplo, de subsídio.” (PERROUX, 1975, p. 106 *apud* ALMEIDA, 2013, p. 9).

Simonetti, Oliveira e Tadeucci (2012), em suas anotações explicam que Perroux discute sobre a importância das instituições, tanto no setor público quanto privado na condução do polo, pois a concorrência é imperfeita, sendo necessário que ocorra atuação nele para ajustar suas imperfeições, no qual denominou de arbitragem, que é um poder que se articula em nome do interesse geral, do proveito coletivo, do bem comum. Para que se tenha um fim proveitoso, possibilitando crescimentos cumulativos e duradouros, as instituições aos poucos modificam conflitos em diálogos sociais para no mínimo uma aceitação e logo uma adesão participativa. (PERROUX, 1977 *apud* SIMONETTI, OLIVEIRA, TADEUCCI, 2012, p. 3).

O ritmo da expansão econômica, na visão de François Perroux, é expressa espacialmente através do conceito de polo de crescimento sendo que parte-se do relacionamento entre diferentes polos entre si, da sua interação funcional com o resto do sistema produtivo. (BREITBACH, 1988).

Underman (2008) em suas observações explica que Perroux, não estava particularmente preocupado em detalhar aspectos do desenvolvimento no espaço geográfico. As aplicações da teoria dos polos concentraram-se basicamente em esclarecer problemas inter e intra-regionais, sendo estes claramente identificados na raiz de políticas públicas formuladas em diversos países. Ainda para esta autora, essa teoria gerou tamanha atração de interesse de agentes envolvidos com o planejamento regional, sendo cada vez mais se inserindo no patamar dessas políticas. Primeiramente, porque a criação de polos é claramente demonstrada no espaço; E depois, pelo fato de que a sua natureza abrangente, ou seja, a sua alegada capacidade de integrar vários aspectos relevantes do desenvolvimento a torna particularmente importante para a abordagem de desenvolvimento de cunho regional, sendo que o sucesso ou fracasso do desenvolvimento de uma área determinada é normalmente atribuído a um complexo grupo de fatores. Assim, a provisão de base científica para o planejamento regional, materializada numa teoria que integra aspecto do desenvolvimento do espaço. (UNDERMAN, 2008).

Para Perroux a intervenção do Estado não se limita a atrair indústrias e atribuir a elas, a tarefa de estimular o processo de crescimento ou desenvolvimento de um território, mas sim de atuar através da elaboração de políticas que tenham o objetivo de promover o desenvolvimento do sistema econômico, levando a cooperação entre regiões ricas e pobres, sendo tarefa de seus governos cumprir com o papel de promover ações que possam estimular

a poupança, o investimento, o trabalho, a inovação, a elaboração e execução de planos de desenvolvimento econômico na região a qual um estrutura produtora está sendo desencadeada . (FARIAS, 2015; UNDERMAN, 2008).

Propositamente Perroux evidencia que na realidade os polos de desenvolvimento se manifestam com intensidade e transmite através de diversos canais e com efeitos variáveis para o conjunto da economia. Perroux apresenta em sua teoria a seguinte essência de sua afirmação (SILVA, LIMA e PIFFER, 1999):

- O crescimento é localizado, isto é, não disseminado no espaço territorial e produtivo; Sendo assim a teoria da polarização, elaborada por François Perroux supõe que o crescimento econômico não aparece em qualquer parte, ao contrário, manifesta-se em pontos ou polos específicos, através de canais e efeitos diversos;

- O crescimento é forçadamente desequilibrado; Perroux aponta o desenvolvimento como um fenômeno desequilibrado, ou seja, o progresso econômico não ocorre ao mesmo tempo em toda parte, e, uma vez ocorrido, forças poderosas provocam uma concentração na região de crescimento econômico em torno de pontos em que processo se inicia;

- A interdependência técnica é um fator a se destacar na transmissão do conhecimento. Portanto todo processo de crescimento e desenvolvimento desencadeia as tensões decorrentes dos processos econômicos. Logo provocam pressões, atritos, inerentes ao processo desequilibrado da polarização.

A análise de Perroux pode se levar a uma conclusão imediata e simples de política econômica e orienta algumas decisões práticas e evidencia a importância não apenas dos grandes empresários privados neste processo, mas também dos poderes públicos e suas iniciativas, bem como das pequenas inovações. (PERROUX, 1967, p.213 *apud* LIMA, SIMÕES, 2009, p. 10).

A produção do polo é tecnicamente necessária ao desenvolvimento nacional; do seu desempenho depende a vida da região, pois através de seus efeitos de complementaridade e concentração são estimuladas zonas de desenvolvimento. É preciso conceber eixos de desenvolvimento entre os polos situados em pontos diferentes do território, o que implica em orientações determinadas e duradouras de desenvolvimento territorial. (LIMA, SIMÕES, 2009).

Para Souza (1981), “a matriz de insumo produto é um instrumento indispensável para a análise da polarização técnica, isto é, para a constatação de polos de indústrias dentro de subconjuntos da matriz (complexos industriais fortemente conectados).” A polarização é também em seu contexto de característica geográfica, podendo ser conferida em termos de uma matriz de relações inter-regionais. (SOUZA, 1981).

Perroux procura, ainda, distinguir polo de crescimento e polo de desenvolvimento. O conceito de crescimento econômico trata-se da medida da variação da quantidade de bens e serviços per capita produzida em determinado país ou região, ao longo de certo período de tempo, porém, sem levar em conta como esses bens e serviços são distribuídos na sociedade. De forma geral, crescimento econômico trata-se apenas de um cálculo matemático realizado para apurar a riqueza de uma determinada região.

Para melhor compreender o processo de crescimento econômico são introduzidos três elementos na análise:

- a) **A indústria-chave**, que tem a propriedade de, mediante o aumento do seu volume de produção e de compra de serviços produtivos, aumentar o volume de produção e compra de serviços de outra (s) indústria(s). A primeira indústria é chamada motriz e a segunda é chamada indústria movida. Este é um conceito relativo, mas em geral são indústrias que constituem pontos privilegiados de aplicação das forças ou dinamismos de crescimento;
- b) **O regime não concorrencial do complexo**, que é instável por ser uma combinação de forças oligopolísticas, responsáveis por elevar a produtividade da indústria e pela realização de acumulação de capital superior àquela que resultaria de uma indústria sujeita a um regime maior de concorrência;
- c) **A concentração territorial do complexo**, num polo industrial complexo geograficamente concentrado e em crescimento, registram-se efeitos de intensificação das atividades econômicas devido à proximidade e a concentração urbana: diversificação do consumo, necessidades coletivas de moradia, transportes e serviços públicos, rendas de localização, etc., pois o polo transforma seu meio geográfico imediato, (LIMA, SIMÕES, 2009).

O polo de desenvolvimento é uma unidade econômica motriz ou um conjunto formado por várias dessas unidades que exercem efeitos de expansão, para cima e para baixo, sobre outras unidades que com ela estão em relação. Vale salientar que para Perroux a noção

de polo só tem valor a partir do momento em que se torna instrumento de análise e meio de ação de política, ou seja, o mesmo só pode ser entendido como uma visão abstrata de espaço. (LIMA; SIMÕES, 2009).

Para tanto, explicam os autores, que tanto crescimento quanto o desenvolvimento de um complexo ou conjunto de territórios e de populações não serão, por conseguinte, conseguidos senão através da organização consciente do meio de propagação dos efeitos do polo de desenvolvimento. São órgãos de interesse geral que transformam o crescimento industrial ou de uma atividade em crescimento de uma nação em vias de formação e os desenvolvimentos anárquicos em desenvolvimento ordenado. (PERROUX, 1967, p. 158 *apud* LIMA, SIMÕES, 2009, p. 7).

Breitbach (1988) destaca que na visão de Perroux, há uma grande importância o papel da empresa matriz; entretanto, sua ótica não é exclusiva nesse sentido, pois contempla também outras influências no âmbito da região. Ele identifica aquilo que denomina três dinâmismos do crescimento (população, inovações, instituições) como um conjunto de fatores que podem provocar efeitos independentemente da ação exercida pela grande empresa.

A aglomeração industrial-urbana que se cria em tal contexto propicia crescimento progressivo e diversificado do consumo. As necessidades coletivas (habitação, transportes, serviços públicos) tendem a se expandir rapidamente. Cria-se, assim, uma atmosfera de progresso, e aos lucros crescentes somam-se as rendas da terra. (WILTEGEN, 1991). O crescimento e o desenvolvimento dum conjunto de territórios e de populações não serão, por conseguinte, conseguidos senão através da organização consciente do meio de propagação dos efeitos do pólo de desenvolvimento. Logo, para alcançar o desenvolvimento econômico é preciso realizar transformações de ordem mental e social em uma população, o que possibilitaria o aumento cumulativo e duradouro do produto real, ou seja, a condição essencial para o desenvolvimento seria o rápido despertar das multidões (no homem consiste todo o desenvolvimento). (LIMA, SIMÕES, 2009)

Em linhas gerais, Perroux evidencia em seus escritos a necessidade da participação ativa das políticas econômicas, cujo objetivo deve ser o desenvolvimento técnico e humano e a cooperação entre regiões ricas e pobres (desenvolvimento recíproco). Entende-se que a peça fundamental destas políticas são os polos de desenvolvimento, localizados dentro ou fora da nação, pois “A nação do século XX encontra nos polos de desenvolvimento a sua força e o seu meio vital” (PERROUX, 1967, p. 204 *apud* LIMA, SIMÕES 2009, p. 9).

É importante ressaltar que a teoria concebida por Perroux, é essencialmente uma teoria de desenvolvimento, que nos remete a ideia do propósito de explicar o processo de mudança estrutural na economia e nos sistemas institucionais e sociais a qual é inserida, e não somente uma teoria de crescimento econômico como pautado pelos tradicionais economistas que propunha uma teoria que se concentra somente nas condições de expansão de produção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi abordado anteriormente, o objetivo deste artigo foi apresentar uma síntese das visões de algumas escolas sobre a teoria do desenvolvimento regional com enfoque sobre a teoria dos polos de desenvolvimento tecida por François Perroux. Grosso modo, observa-se que as teorias clássicas sobre a economia regional defendem que a dinâmica do espaço econômico acontece de forma equilibrada e também homogênea. Os defensores dessa visão, em geral, destacam preocupação em analisar o sistema produtivo através de custos e lucros, negligenciando outros problemas locacionais. É importante frisar que para os autores da teoria clássica da dinâmica espacial, as forças de mercado eram tidas como suficientes para conduzir o sistema econômico ao equilíbrio, sem a necessidade da intervenção do Estado.

Em campo oposto, encontram-se as teorias heterodoxas que defendem a ideia que os espaços possuem conjuntos de fatores que implicam no dinamismo do crescimento e logo este não pode acontecer de forma equilibrada. Nesse campo teórico, François Perroux construiu sua teoria sobre os polos de desenvolvimento que tem por objetivo mostrar que o crescimento é localizado, isto é, não disseminado no espaço territorial e produtivo. Além disso, ressalta-se dentro da teoria dos polos industriais defendida por este autor que a dinâmica das atividades econômicas acontece acerca de uma indústria motriz localizada em uma região fazendo com que o crescimento, mesmo que desarmônico, se expanda, para as demais localidades ao seu redor.

As indústrias formam aglomerações que dinamizam as outras indústrias gerando efeitos de difusão para a economia, elevando a concentração de determinadas atividades econômicas. Para o autor, as principais características do polo de desenvolvimento são, por exemplo, o crescimento, que segundo ele, é localizado, isto é, não disseminado no espaço territorial e produtivo; Assim afirma-se nessa teoria que o crescimento econômico não aparece em

qualquer parte, ao contrário, manifesta-se em pontos ou polos específicos, através de canais e efeitos diversos.

Além disso, Perroux evidencia que o crescimento é forçadamente desequilibrado e ainda aponta que o progresso econômico não ocorre ao mesmo tempo em toda parte, e, uma vez ocorrido, forças poderosas provocam uma concentração na região de crescimento econômico em torno de pontos em que processo se inicia.

Nesse sentido, o papel do polo de desenvolvimento econômico é desenvolver atividades produtivas em estruturas econômicas que se objetivaram na periferia da estrutura econômica nacional com o objetivo de promover o seu desenvolvimento, isto é, uma integração da matriz industrial de uma região.

No entanto, é importante ressaltar, conforme destacou Perroux, o desenvolvimento de uma região não tem a função de integrar de forma harmônica e integral toda a estrutura econômica de uma região, ou seja, como destacou a corrente Ortodoxa, no longo prazo, efetuar o desenvolvimento equilibrado de uma região. Ao contrário, Perroux destaca que o desenvolvimento econômico de uma região se objetivará de forma desequilibrada.

Esse desequilíbrio se propagará de forma diferenciada no espaço criando, assim, estruturas econômicas e setoriais diferenciadas em que um setor ou sub-região apresentará dinâmica econômica diferenciada em relação às demais, não determinando, deste modo, uma homogeneização do espaço regional.

**ABSTRACT:** The study of the dynamics of the economic poles has emerged several debates within the literature on regional development. This article aims to show the main theories of economic poles, however the main focus is analyzed in the light of the theory of the poles of development of the French economist Francois Perroux. Therefore, it stood out within this theoretical analysis that the economic development poles are, according to Perroux, results of a propulsive industrial aggregation that generates several effects able to influence a larger region in which the growth would not diffuse in a regular way as proposed by the classical view.

**Keywords:** Development Poles. Unbalanced growth. Regional economy.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Telma Andrade. *Produção teórica em economia regional: das formulações Clássicas aos modelos endógenos de desenvolvimento*. V Semana de Economia UESB. Ano 2013. Disponível em: <[http://www.uesb.br/eventos/semana\\_economia/2013](http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2013)>. Acesso em: 18 abr. 2016.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. *Estudo sobre conceito de região*. Secretaria de Coordenação e Planejamento. Fundação de Economia e Estatística. Porto Alegre – RS. Nº 13. Agosto de 1988. Disponível em: <[www.cdn.fee.tche.br](http://www.cdn.fee.tche.br)>. Acesso em: 18 abril de 2016.

CAVALCANTE, Luiz Ricardo; MONASTERIO, Leonardo. *Fundamentos do pensamento econômico regional*. Economia Regional e Urbana: Teorias e métodos com ênfase no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Brasília. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/economiaregional>> acesso em: 18 mar. 2016.

FARIAS, Maurício Galeazzi Medeiros de. *A ação do Estado nas teorias de desenvolvimento regional*. Ensaio teórico. XX Jornada de Pesquisa. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, 2015. Disponível em: <[www.revistas.unijui.edu.br](http://www.revistas.unijui.edu.br)>. Acesso em 19 abril de 2016.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. O padrão locacional de empresas industriais na região Oeste Paulista. *Revista GeoUECE* - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v.2, nº3, p.98-117, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.uece.br/geouece>>. Acesso em: 18 abril 2016.

LIMA, Ana Carolina da Cruz; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. *Teorias do Desenvolvimento Regional e suas implicações de política Econômica no pós-guerra: O Caso do Brasil*. Texto para discussão Nº 358. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte - MG, 2009. Disponível em <<file:///WWW.IPEA.COM.BR/DESENVOLVIMENTO.pdf>> Acesso em: 15 dezembro 2015.

LIMA, Jandir de; PIFFER, Moacir; SILVA, Josemar Raimundo da. Polarização como instrumento de programação econômica a nível regional. *Revista de Desenvolvimento econômico*. Ano I, Junho de 1999. Salvador, BA. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/>> Acesso em: 05 fevereiro de 2016.

MARQUES, Juliano Ricardo. *Jundiaí, um impasse regional – O papel do município de Jundiaí entre duas regiões metropolitanas: Campinas e São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em geografia humana) – Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2008. [Orientadora: Profª Doutora Ana Maria Marques Camargo Marangoni]. Disponível em: <[file:///C:/Users/eu/Downloads/JULIANO\\_RICARDO.pdf](file:///C:/Users/eu/Downloads/JULIANO_RICARDO.pdf)> Acesso em: 05 fevereiro 2016.

MATOS, Guilherme Morávia Soares de. *O Modelo de Von Thunen: Um Aplicativo Computacional*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em geografia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, PUC-MG (2005). [Orientador: Drº João Francisco de Abreu]. Disponível em: <[www.biblioteca.pucminas.br](http://www.biblioteca.pucminas.br)>. Acesso em: 17 abril de 2016.

OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araújo Querido; SIMONETTI, Erica Ribeiro de Sousa; TADEUCCI, Marilsa de sá Rodrigues. *Polarização Econômica: Um enfoque nos APL's e os fatores determinantes para a existência de concentração geográfica de empresas em uma região*. Congresso Internacional de Cooperação Universidade-indústria. Taubaté, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.unitau.br/unindu/artigos>>. Acesso em: 05 fevereiro 2016.

RODRIGUES, Marcos Aurélio. *et al.* Identificação e análise espacial das aglomerações produtivas do setor de confecção na região sul. *Economia aplicada*. V. 6, Nº 2. Ribeirão Preto, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

UDERMAN, Simone. O Estado e a formulação de políticas de desenvolvimento regional. Doc. Técnico-científico. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 39, Nº 2, abr-jun 2008. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 18 abril de 2016.

WILTGEN, Roberto da Silva. Nota sobre Polarização e Desigualdades Regionais. *Ensaio*. FEE, Porto Alegre-RS, 1991. Disponível em:< <http://revistas.fee.tche.br/>>. Acesso em 18 de abril de. 2016.